

**Livro-reportagem: um produto cultural a serviço da memória: uma análise da obra *Uma Questão de Justiça* da jornalista canadense Isabel Vincent<sup>1</sup>**

**Book-reportage: a cultural product at the service of memory: an analysis of the work *Uma Questão de Justiça*, by the canadian journalist Isabel Vincent**

Adriana Seibert de Oliveira<sup>2</sup>  
Zilá Bernd<sup>3</sup>

*Submetido em 29 de julho e aprovado em 12 de outubro de 2021.*

**Resumo:** Jornalismo e literatura são duas áreas que sempre estiveram ligadas. Quando os primeiros jornais foram editados, eram os escritores os responsáveis pelo seu conteúdo. Em consequência disso, elementos textuais mais utilizados na arte literária estão presentes em alguns produtos jornalísticos, bem como elementos jornalísticos também estiveram e estão presentes em obras literárias. Com essa aproximação e contaminação das áreas, surgiu um novo gênero: o Jornalismo Literário, que parte do jornalismo e utiliza recursos textuais da literatura para informar. O livro-reportagem é um dos produtos deste novo gênero, que traz, de uma forma aprofundada, mais informações que as do jornalismo do cotidiano. Sabendo dessa contaminação, este trabalho tem por objetivo apontar as influências da literatura no jornalismo, mais especificamente nos livros-reportagem ao analisar a obra *Uma Questão de Justiça*, da jornalista canadense Isabel Vincent, que foi por nós entrevistada, com o objetivo de esclarecer sua motivação pela escolha desse caso ocorrido no Brasil. Como resultado, esperamos tornar mais conhecida a jornalista canadense no Brasil e destacar o papel do jornalismo-reportagem como produto cultural a serviço da memória social, tanto no que tange leitores brasileiros como canadenses.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Jornalismo Literário. Livro-reportagem. Memória Social. Isabel Vincent. Entrevista.

**Abstract:** Journalism and literature are two areas that have always been linked. When the first newspapers were edited, writers were responsible for their content. As a result, textual elements most used in literary art are present in some journalistic products, as well as journalistic elements were also present in literary works. With this approach and contamination of the areas, a new genre emerged: Literary Journalism, which starts from journalism and uses textual resources from literature to inform. The book-reportage is one of the products of this new genre, which brings, in a deeper way, more information than everyday journalism. Aware of this contamination, this work intends to point out the influences of literature on journalism, more specifically on book-reportage, by analyzing the work *Uma Questão de Justiça*, by Canadian journalist Isabel Vincent who has been

interviewed by us, with the aim of clarifying his motivation for choosing this case that occurred in Brazil. As a result, we hope to make the Canadian journalist better known in Brazil and highlight the role of journalism-reporting as a cultural product at the service of social memory, both for Brazilian and Canadian readers.

**Key-words:** Journalism. Literary Journalism. Book-reportage. Social Memory. Isabel Vincent. Interview.

## Introdução

Objetivamos no âmbito desse artigo, apontar as contaminações entre literatura e jornalismo, mais especificamente nos livros-reportagem. Para tanto, selecionamos a obra *Uma Questão de Justiça*, publicada em 1995, pela premiada jornalista canadense, Isabel Vincent, nascida em Toronto em 1969, de família portuguesa. Para além da leitura dessa instigante obra, fizemos uma entrevista com a autora em fevereiro de 2021. O debate se deu em torno do tema do Jornalismo Literário, sendo a entrevistada questionada sobretudo acerca da crucial questão que se coloca: onde termina o jornalismo e começa a literatura?

Começemos com um preâmbulo teórico.

Não há como falar em jornalismo sem fazer associação à literatura, pois já nos primeiros jornais, por não existir profissionais específicos da área da Comunicação Social, eram os escritores os responsáveis pelo conteúdo divulgado. Com tal proximidade, a literatura também sofreu influência do jornalismo. Ambas as áreas incorporaram elementos uma da outra para repassar a sua mensagem.

A literatura e o jornalismo trazem como ponto em comum, que permite a comparação entre os dois gêneros, a representação social do meio em que estão inseridos. Por meio da manifestação textual, é possível descrever uma época ou uma localidade, comportamentos, costumes e linguagens. Porém, é no momento da produção textual e na utilização desses recursos que é possível delimitar traços de cada área.

No texto do jornalismo informativo, percebe-se um discurso preciso e direto, no qual se pode comprovar a veracidade do que foi publicado, não utilizando recursos literários e contendo um caráter meramente noticioso. Já a complexidade é uma

peculiaridade do discurso literário, ultrapassando os limites da simples reprodução, não se restringindo às estruturas elementares do cotidiano e utilizando recursos que levam em consideração a estética, como adjetivos, rimas, descrição detalhada, narrações e diálogos, além da possibilidade de discursos que permitem a reflexão.

É possível a aproximação das duas áreas com um trabalho que utiliza recursos de ambos os lados, que resultam em textos com mais detalhes e de facilidade de leitura, mas que ao mesmo tempo têm o compromisso com a verdade, resultando em textos que podem ser enquadrados no Jornalismo Literário, área a ser analisada neste estudo.

Este artigo tem como objetivo apontar o diálogo entre literatura e fazer jornalístico, abrindo espaço para a utilização de recursos textuais característicos da linguagem literária. O que a literatura contribui para o jornalismo? O livro-reportagem pode ser utilizado como meio de suporte de memória? Essas perguntas permeiam o presente artigo e as respostas serão buscadas através da análise do livro-reportagem *Uma Questão de Justiça*, da jornalista canadense Isabel Vincent, que exerceu atividades no Rio de Janeiro entre 1991 e 1995, para o destacado jornal canadense *The Globe and Mail*.

### **O jornalismo literário**

Mesmo com características próprias em suas narrativas e também com fins diferentes, jornalismo e literatura são duas áreas que “recebem” influências ou contaminações de outras. É possível se apropriar de algo já existente para construir o novo. Dessa forma, tanto o jornalismo como a literatura se contaminam, levando em consideração apenas as duas áreas tratadas nesta pesquisa. Manuel Ángel Vázquez Medel descreve a influência na seguinte citação:

No processo de desenvolvimento histórico e de institucionalização de ambas as séries discursivas encontram-se coincidências muito interessantes e interações mútuas. Resulta inegável a influência de pautas de escritura e modelos literários para a construção de determinados discursos jornalísticos, não é de menor importância a presença do jornalismo (com seus temas, recursos, procedimentos e técnicas) na criação literária (especialmente no século XX), sem esquecer o fato de que as figuras do escritor e do jornalista (sobretudo de opinião) às vezes coincidem com a mesma pessoa (MEDEL, 2002, p. 15).

Em comum, as duas áreas utilizam para a construção de seu discurso a palavra. Matéria-prima de ambas, de acordo com o modo que for articulada, a palavra pode fazer com que o texto adquira características mais informativas ou artísticas. Ao ler um editorial e um poema, de forma comparada, percebe-se a diferença de discursos; porém também é possível reconhecer as semelhanças das áreas, como ao ler, também de forma comparada, uma reportagem e um conto.

No jornalismo, muitos profissionais utilizam elementos literários para informar o seu público, bem como, na literatura, escritores incorporam elementos jornalísticos para a construção e também no conteúdo de sua obra. É nesse momento que os discursos se aproximam e os gêneros “dialogam”, apresentando ingerências mútuas.

Rildo Cosson afirma<sup>4</sup> que “esse embaralhamento só é possível porque se trata de discursos de convenções. Isso não quer dizer que essas fronteiras são fáceis de serem transferidas e rompidas. Um gênero só termina depois que o outro começa e há uma zona entre os dois discursos. Emergir entre a zona comum, criando uma nova existência, demanda uma forma diferenciada de ler esses textos, já que são um novo gênero”.

De um modo geral, os dois gêneros narram a vida em seu discurso. Os textos contaminados na fronteira entre o jornalismo e a literatura, conforme Cosson (2008) destaca, valem-se de empréstimos de outra área para dizer alguma coisa a seu leitor.

No caso do jornalismo - área condutora deste trabalho -, a literatura sempre esteve presente. Desde o princípio, quando a imprensa não estava organizada nos moldes atuais, eram os escritores os responsáveis pela organização e produção de materiais informativos. Quando surgiram os primeiros jornais, também eram eles os profissionais que produziam o conteúdo dos periódicos, já que possuíam mais contato com a escrita, além da não existência de forma institucionalizada do profissional jornalista. “Estamos falando justamente dos séculos XVIII e XIX, quando os escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não apenas comandando as redações, mas, principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais” (PENA, 2006, p. 28).

Dentre os autores que escreviam para o jornal, Daniel Defoe é considerado, por alguns historiadores, como o primeiro jornalista literário moderno, quando em 1725

escreveu uma série de reportagens policiais, nas quais utilizou técnicas narrativas já presentes em seus romances, como nos apresenta Pena (2006, p. 52).

Em solo brasileiro, a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, por exemplo, foi publicada em uma série de relatos no jornal *O Estado de São Paulo* e logo após, em 1902, foi editada em livro. *Os Sertões* é considerado o primeiro livro-reportagem brasileiro por trazer informações jornalísticas (dados reais) em seu contexto, relatando a vida do sertanejo, durante a Guerra de Canudos, em 1896 e 1897, com elementos literários. Cunha havia sido enviado pelo jornal para fazer a cobertura da insurreição liderada por Antônio Conselheiro, no agreste da Bahia. A obra traz em seu contexto informações sobre a sociologia, geografia e história, em suas três partes: a terra, o homem e a luta.

Considerada uma das obras-primas da literatura brasileira, traz de maneira descritiva o cenário em que se desenrolavam as lutas, o estudo do relevo, o solo, a fauna, a flora, o clima e a cultura nordestina. Também é feita uma análise da psicologia do sertanejo, assim como a descrição, com riqueza de detalhes, dos confrontos entre os jagunços de Antônio Conselheiro e as expedições militares. A questão do livro-reportagem, como sendo um gênero resultante dessa contaminação, será abordada de forma mais detalhada em outro momento deste estudo.

Na metade do século 20, a imprensa já estava consolidada e havia profissionais de jornalismo. O período foi marcado pelas grandes tiragens, fortes grupos editoriais, modificações gráficas e estilísticas. Foi nesse período que a literatura e seus escritores deixaram de ter uma participação direta no jornalismo, pois os jornais adquiriram as características de informar, consolidando o texto jornalístico, com precisão, clareza e objetividade, levando aos leitores matérias diversas. Desta forma o conteúdo literário foi colocado como um suplemento.

É neste período que surgem então os cadernos literários, com críticas e matérias sobre lançamento de obras. Felipe Pena destaca que os suplementos não se referem a nada que seja essencial.

Os suplementos têm a função de acrescentar alguma coisa aos jornais, mas devem seguir incondicionalmente as características da imprensa moderna. Ou seja, não só estão submetidos a regras básicas do discurso jornalístico (clareza, concisão e objetividade), como têm na venda seu objetivo primordial (PENA, 2006, p.40).

Tais suplementos literários atualmente são encontrados junto às novidades, como lançamentos de álbuns musicais, escândalos e fofocas de celebridades, ou seja, eles adquiriram um valor de consumo. Grandes autores da Literatura Brasileira exerceram durante anos essa atividade como Moacyr Seliar, João Ubaldo Ribeiro, Affonso Romano de Sant'Ana, Millôr Fernandes entre tantos outros.

Atualmente, ainda se percebe a influência da literatura no jornalismo cotidiano (o também chamado jornalismo *hard news*), quando os jornalistas optam pela narrativa, em acontecimentos importantes, ou quando é solicitada uma matéria de mais fôlego. Os escritores não deixaram de dar a sua contribuição ao jornalismo. As críticas literárias e as crônicas têm seu espaço reservado normalmente nos cadernos de cultura ou em colunas fixas.

### O New-Journalism

Decorrente da insatisfação com a imposição do *lead* (parágrafo básico da estrutura da notícia que se limita a responder as seis perguntas: O quê?, Quem?, Quando?, Onde?, Por quê? e Como?) com as regras da objetividade dos textos jornalísticos, surgiu nos Estados Unidos, na década de 60, o movimento denominado de *New-Journalism*. Esse movimento iniciou no momento em que os jovens optaram pelo modo de vida *hippie*, recusando-se a seguir o *American Way of Life*, estilo que era regido pelo imperialismo e excessivo materialismo norte-americano. Conforme Edvaldo Pereira Lima:

Surgiam os produtos culturais alternativos para relatar a grande revolução de costumes que os jovens empreendiam. O *rock-and-roll* ganhou nova vida como expressão musical, o cinema underground quebrava o estilo pasteurizado de Hollywood, as músicas de protesto questionavam o *status quo*, as artes plásticas desciam ao cotidiano da civilização industrial para retratar uma coisa tão prosaica quanto uma lata de sopa, fazendo as pessoas reler sua própria realidade. Era uma época irreverente, questionadora, cheia de possibilidades e criatividade(LIMA, 1993, p.45).

Tal movimento, inicialmente, não foi coberto pelos veículos de comunicação do cotidiano, porém se percebeu a necessidade de registrar essa revolução comportamental e para isso era necessário um procedimento jornalístico diferenciado, que não se restringia apenas ao jornalismo informativo. Vários profissionais aderiram a essa nova forma de

fazer jornalismo que tomava conta dos jornais. As redações passaram a ter divisões: de um lado os jornalistas que cobriam o cotidiano e o factual e, de outro, jornalistas que se dedicavam a coberturas de matérias que envolviam maior tempo de apuração e pesquisa, não ligadas somente ao “hoje”, as chamadas matérias frias. Depois das redações dos jornais, esse novo jeito de fazer jornalismo tomou conta das revistas e posteriormente dos livros-reportagem.

Esse gênero pede uma forma diferenciada de fazer jornalismo, com novas abordagens do profissional: é preciso que ele saia a campo por mais tempo, nos ambientes em que os fatos sobre os quais ele escreveria aconteceram. As matérias permitem ao jornalista a possibilidade de entrevistas diferentes das convencionais, com fontes oficiais: pessoas que estiveram envolvidas no acontecimento, seja de forma direta ou indireta, são procuradas para dar sua versão dos fatos, possibilitando também, dessa forma, o cruzamento de informações. A captação desses dados e entrevistas com suas personagens, demanda um tempo maior de trabalho de campo. O jornalismo precisa de um contato com o universo que cerca o fato, podendo o jornalista se dedicar por semanas e até meses a um só assunto. No caso do livro-reportagem, os profissionais dedicam anos a esse trabalho.

Dessa forma, ele pode sentir a realidade, trazendo vida, sentimentos, rostos, nomes, cores, lugares e sensações à matéria. “*O New-Journalism* trabalhava com arte e emoção, apostando na dualidade entre os aspectos objetivos e subjetivos da realidade. A percepção/impressão do real, transmitida pelo jornalista, propiciava uma autêntica reprodução da realidade (por meio do imaginário ou factual)” (BOAS, 1996, p. 91).

Além de uma forma diferenciada do trabalho jornalístico, o *New-Journalism* utilizava técnicas literárias, para dar mais leveza ao texto e atrair o leitor, como a construção de personagens, a narração, a descrição, uso de diálogos e recursos na linguagem. Conforme Edvaldo Pereira Lima (1993, p. 50):

A ideia, aqui, é registrar gestos, hábitos, costumes, vestuário, decoração e tudo que sirva para o leitor situar, deduzir, inferir melhor o estado de ânimo dos personagens focalizados pela matéria, os cenários dos relatos, a época, a posição que ocupam na sociedade ou que gostariam de ocupar. O objetivo é fazer o leitor captar uma impressão mais densa e completa da realidade que o relato reproduz (LIMA, 1993, p. 50).

No Brasil, o novo jornalismo americano também teve ingerência nos veículos de comunicação. Os veículos que mais tiveram expressão nesse novo gênero foram a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde*, ambos lançados em 1966. Essa experiência jornalística fez com que as tiragens dobrassem no período de um ano. Porém, esse sucesso editorial dos dois veículos durou por cerca de dois anos, começando a perder forças até ter de encerrar as atividades. Na *Revista Realidade*, por exemplo, alguns repórteres viviam a vida das personagens que iriam retratar na reportagem.

Esse gênero era utilizado em espaços determinados em revistas e jornais, assim como nos livros-reportagem, que muitas vezes são resultado de matérias especiais publicadas em várias edições dos jornais, em que o jornalista mergulhava na vida de suas personagens.

O *New-Journalism* começou a perder forças nos veículos de comunicação no final da década de 70, porém deixou suas marcas que influenciam os profissionais. Hoje ele continua nos jornais e revistas em cadernos especiais e reportagens (principalmente as publicadas em séries). Alguns jornalistas ainda utilizam elementos do *New-Journalism*, com alguns ajustes, quando são solicitados a produzir matérias especiais, ou ainda, aquelas que causam impacto (as que vendem jornal).

### **O livro-reportagem**

Um “produto” resultante do Novo Jornalismo americano é o livro-reportagem, que pode assumir o caráter de romance, mas um romance de não-ficção que leva em consideração o teor informativo (jornalístico). Várias obras foram editadas, com variedade em temas, apresentando a mescla das técnicas do jornalismo e da literatura e trazendo ao público a informação detalhada sobre determinado acontecimento.

O livro-reportagem surgiu logo após o início do *New-Journalism*. Depois das reportagens serem publicadas em edições, elas eram compiladas e publicadas em livros. O livro-reportagem teve uma repercussão maior no Brasil devido à censura imposta pela Ditadura Militar, pois a literatura não recebia uma atenção rigorosa: a população não tinha o hábito e nem uma renda que propiciasse adquirir livros. Ele foi, dessa forma, um meio de fuga dos jornalistas que queriam denunciar e repassar a realidade presenciada.

O livro-reportagem também precisa ter as suas características textuais específicas para poder conquistar o seu público leitor, pois há um volume maior de informações do que os textos de reportagens de jornais e revistas. “Quanto ao texto do livro-reportagem, apresenta narrativa longa. Por isso, o livro tem que ser ‘convitativo’, tal qual propomos que seja o texto das revistas semanais de informação geral” (BOAS, 1996, p. 93). Seu texto é rico em detalhes, revelações e descrições, além de poder utilizar elementos linguísticos, como as interjeições e sucessivas pontuações para poder expressar melhor a mensagem a ser transmitida, por exemplo.

Em suas narrativas, o livro-reportagem não se detém somente ao fato específico que deu origem ao enredo, mas também aos temas paralelos que possam ter influenciado de alguma forma no ocorrido. A narração desses fatos anteriores ou posteriores ao acontecimento em si faz com que haja uma melhor explicação e entendimento. No caso do jornalismo do cotidiano, não são explorados esses recursos, já que não há esse objetivo, bem como não há tempo e nem espaço suficiente para isso.

Também são elementos característicos do livro-reportagem, mesmo que alguns optem pela não utilização, a inclusão em seu projeto gráfico de ilustrações, fotografias, charges, cartuns, mapas e diagramas. Essa variedade de informações disponíveis no livro-reportagem requer pesquisa constante por parte do autor. Além de várias entrevistas, ele precisa fazer pesquisas bibliográficas, jornalísticas, de campo e também contar com sua própria percepção.

Um ponto destacado por Edvaldo Pereira Lima (p.25-26), e que deve ser levado em consideração, é a distinção do livro-reportagem das demais publicações classificadas como livro. Três são as condições apontadas pelo autor: 1) Quanto ao conteúdo, o objeto de abordagem de que trata a obra corresponde ao real, ao factual; 2) Quanto ao tratamento, excetuando à linguística, o livro-reportagem é eminentemente jornalístico, obedecendo, em linhas gerais, às particularidades do jornalismo, da precisão, exatidão, clareza e concisão, mas permitindo maior maleabilidade de tratamento; e 3) Quanto à função, o livro-reportagem pode ter a finalidade de informar (típica do jornalismo informativo), de defender um conjunto de princípios (enquadrando-se ao jornalismo opinativo), de procurar as causas e consequências

de um fato (típico do jornalismo interpretativo), bem como, pode enquadrar-se ao gênero diversional.

Em suma, o livro-reportagem é aquele que possui informações que estão além do imediatismo e do superficial. Por isso, ele é objeto de interesse por um tempo muito maior do que as notícias publicadas nos veículos de comunicação tradicionais.

Veículo de comunicação jornalística não periódica, o livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas e emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade (LIMA, 1993, p.7).

### **Livro-reportagem e memória**

A partir da definição de memória, segundo Tanira Rodrigues Soares, poderemos fazer o estreitamento entre o livro-reportagem e as questões memorialísticas:

Memória é vida, fragmentos, particularidades, trata-se de uma ação motivada no presente e que permite reconstruir peculiaridades de um passado, uma percepção sobre um tempo e um espaço pretéritos, é afetiva e sensível aos interesses individuais e/ou coletivos, é uma construção em permanente processo de reelaboração e/ou transformação, e associada ao esquecimento. Com base nisso, pode-se dizer que a memória se configura num elemento presente nas sociedades, uma vez que, por seu intermédio, são transmitidas informações, tradições, manifestações culturais, ritos, entre outros, de geração a geração (SOARES, 2019, p. 55).

Neste sentido, por ter sua narrativa construída a partir do trabalho jornalístico resultante da inserção na realidade do fato tratado em questão, com coleta de testemunhos e realização de entrevistas, o livro-reportagem traz também elementos carregados de simbologia (descrição do local, reprodução de diálogos, por exemplo), que fornecem informações essenciais sobre aquela determinada comunidade e sua cultura, atestando as marcas das passagens do tempo e das pessoas que estiveram por ali e que constituem a memória daquele grupo e local.

Maurice Halbwachs aponta que a recordação do passado é colocada sob a perspectiva de grupo, e que a memória do grupo manifesta-se nas memórias individuais por meio dos símbolos compatíveis: “O funcionamento da memória individual não é possível sem estes instrumentos que são as palavras e as ideias, as quais não são inventadas pelos indivíduos, mas eles as empregam no seu meio” (HALBWACHS, 2006, p. 36).

Dessa forma, em contato com a memória das respectivas comunidades, apropriando-se dela e munido da ética jornalística de compromisso com a verdade, os autores de livros-reportagem reúnem e codificam esses símbolos, formando em seus livros a narrativa de uma memória coletiva. O relato do autor pelo coletivo é parte da bagagem das sociedades, são valores que não pertencem somente a uma pessoa, mas caracterizam um grupo social.

Segundo Halbwachs, a memória individual existe sempre e a partir de uma memória coletiva, uma vez que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo específico. Nossas lembranças permanecem coletivas e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que são acontecimentos que só nós vivenciamos: “Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias” (2006, p.25). Assim, a memória funciona como sedimento da construção da identidade.

Essas narrativas da memória coletiva, presentes no livro-reportagem, ao serem lidas, permitem que os leitores possam, a partir do presente, reconstruir o passado e ter conhecimento sobre aquele local e o que lá se passou. Por presenciar o cotidiano durante anos e entrevistar e também colher depoimentos das pessoas ligadas diretamente ao fato em questão, os jornalistas trazem nos livros-reportagem a voz de quem vivenciou o fato narrado na obra. O repórter, para realizar a coleta de dados para a construção de seus livros-reportagem, participa do cotidiano das sociedades e tem contato com muitas pessoas, as quais relatam acontecimentos e modo de vida do local.

É através das narrativas do presente, feitas pelo jornalismo, que muitas vezes podemos analisar a prática de armazenar, preservar e reatualizar versões de passados

comuns, indicados em padrões e tendências, em processos de recomposição de informações jornalísticas.

Conforme Halbwachs, a memória do indivíduo depende das palavras dos outros, dos registros da memória, das histórias lidas ou contadas, das obras de arte, que são sociais por serem produções históricas, ou seja, para o autor a memória depende da linguagem e dos significados constituídos socialmente. É necessário que indivíduo faça parte, de alguma maneira daquele meio em que as lembranças em questão aconteceram. Assim,

não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram ou continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (HALBWACHS, 2006, p.34).

Porém, para que o jornalista possa ter todo esse material para escrever é preciso que nesse convívio se façam entrevistas, colha testemunhos e, uma das características do livro-reportagem é ir além das fontes oficiais, entrevistar pessoas que geralmente não são buscadas para as matérias do jornalismo do cotidiano, mas que têm muito a dizer, dar voz aos invisibilizados. Essas vozes ouvidas nos livros-reportagem podem ser consideradas memórias clandestinas ou inaudíveis, conforme coloca Michael Pollak, em *Memória, Esquecimento e Silêncio*:

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobre tudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado (POLLACK, 1989, p.8-9).

Quando se fala em memória, destaca-se também que ela não se restringe somente às lembranças das pessoas e sua transmissão de forma oral, mas que elas podem ser registradas. Dessa forma, Halbwachs destaca que a escrita foi encarada pelo homem como a maneira de se conservar lembranças porque "as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem" (2006, p. 80). Ou seja, o trabalho da narrativa é ordenar a

experiência para melhor entendê-la. Assim, a partir da valorização da narrativa escrita na construção da história, a importância do jornalismo impresso como documento histórico, desde o surgimento da imprensa, no século XVIII, não pode ser ignorado.

Os livros-reportagem podem ser tomados como documentos históricos representativos de seu tempo, bem como do meio social em questão. O fato de autores utilizarem personagens, situações reais, datadas e contextualizadas, também comprova o seu caráter de documento na história de uma sociedade, ou seja, o jornalista como “historiador” do presente, não tendo a pretensão de fazer história, porém o resultado de seu trabalho será um documento que poderá servir como fonte de pesquisa histórica.

Neste mesmo sentido Aleida Assmann teoriza sobre a materialidade das mídias memorativas, a escrita como armazenadora, tendo a narrativa o trabalho de ordenar a experiência para que se possa melhor entendê-la.

Mas a escrita não é só *medium* de eternização, ela é também suporte da memória. A escrita é, ao mesmo tempo, *medium* metáfora da memória. O procedimento da anotação e da inscrição é a mais antiga e, através da longa história das mídias, ainda hoje a mais atual metáfora da memória ASSMANN, 2018, p.199).

Dessa forma, a narrativa do livro-reportagem, encontra-se como agente e veículo de propagação da memória, indo ao encontro do pensamento de Halbwachs quando afirma que, ao lado de uma história escrita, há o que ele denomina de uma história viva, onde podemos encontrar sempre um número grande de certas correntes antigas que aparentemente desapareceram:

A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens. No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social HALBWACHS, (2006, p. 100-101).

Sendo assim, é preciso reforçar que memória não é só lembrança, não é busca da compreensão ou do entendimento do passado, ou seja, a memória não é, portanto, uma simples gravação de tudo o que vivemos, mas uma seleção das experiências. Uma

vez que a cultura é dinâmica e nunca se encontra em situação de imobilidade e o livro-reportagem seria um suporte de memória, uma fonte de pesquisa desse legado cultural. Uma vez que compreendendo a tessitura e os elementos da narrativa jornalística, percebe-se o livro-reportagem como um veículo de tecer histórias, para além da simples evocação do passado sob a forma de lembrança.

### ***Uma Questão de Justiça***

Passa-se agora à análise do livro-reportagem *Uma Questão de Justiça*, publicado em 1995, pela jornalista canadense Isabel Vincent, destacando-se a contribuição da literatura para o jornalismo. Como já foi abordado no presente artigo, de uma maneira genérica, a literatura contribui para a construção de reportagens que chamem a atenção e sejam de fácil leitura e o livro-reportagem é resultado dessa contribuição.

O jornalismo foi a base da construção da obra, já que toda a captura de material e a percepção embasaram-se nas técnicas jornalísticas empregadas para a escrita de uma grande reportagem, contudo, para facilitar a leitura, foram utilizados elementos do texto literário, os quais serão analisados na sequência, apontando-se assim a contribuição do gênero.

Em *Uma Questão de Justiça*, pode-se perceber claramente a utilização de elementos literários para a construção da narrativa. A autora é rigorosa, evita o sensacionalismo e procura fundamentar cada informação em documentos e depoimentos, como afirma em entrevista exclusiva concedida para a produção deste artigo em fevereiro de 2021.

Isabel Vincent é uma jornalista e escritora canadense, natural de Toronto com MBA pela Toronto University, especialista em corrupção política. Atualmente ela vive nos Estados Unidos, atuando como repórter do jornal *New York Post*. Ao longo da carreira, Isabel publicou reportagens que resultaram em diversas investigações do governo e em prisões de políticos, sendo autora de 5 livros-reportagem, de grande tiragem. Ela concedeu uma entrevista exclusiva destinada à publicação futurana *Revista Interfaces Brasil/Canadá*, em que fala sobre a relação entre jornalismo e literatura, livro-reportagem e memória.

Sua primeira publicação em forma de livro-reportagem é o corpus deste trabalho *See no evil: the strange case of Christine Lamont and David Spencer (1995)*, traduzido para

o português como *Uma Questão de Justiça*. Sua segunda obra é *Hitler's silent partners: Swissbanks, Nazigold, and the pursuit of justice* (1997), traduzido para o alemão e também para o francês.

Seu terceiro livro-reportagem é *Bodies and Souls: The Trafficking of Jewish Immigrant Prostitutes in the Americas* (2006), traduzido para o português com o título: *Bertha, Sophia e Rachel, a sociedade da verdade e o tráfico das polacas nas Américas*.

Sua quarta obra é *Gilded Lily: Lily Safra, The Making of One of the World's Wealthiest Women* (2010) e seu quinto livro-reportagem *Dinner with Edward: The Story of an Unexpected Friendship* (2016), que tem sua versão cinematográfica já planejada.

Em 2017, Vincent começou a trabalhar em um livro e roteiro sobre as irmãs Cook, Ida e Louise, esta última escritora de romances, que ajudou os judeus a escapar da Alemanha da era nazista, com a possível ajuda secreta do governo britânico.

Isabel Vincent tem uma carreira jornalística premiada, tendo sido indicada ao Prêmio Pulitzer em 2010, maior prêmio do jornalismo, por uma reportagem sobre o caso em que revelou que um congressista norte-americano não havia declarado uma casa na República Dominicana. A repórter viajou ao País e ficou uma semana seguindo o político. Mais tarde, denúncias revelaram que ele ainda estava envolvido em outros casos ilegais, como viagens bancadas por lobistas.

A jornalista canadense recebeu ainda vários prêmios: Prêmio da Associação Canadense de Jornalistas de Excelência em Jornalismo Investigativo e uma bolsa de jornalismo no Massey College, da Universidade de Toronto, pelo trabalho de investigação do caso que resultou no livro-reportagem *See no evil*; além do Prêmio Nacional do Livro Judaico no Canadá, pelo livro-reportagem *Bodies and Souls* e o Prêmio Yad Vashem de História do Holocausto, dessa vez pelo livro-reportagem *Hitler's Silent Partners*.

De 1991 a 1995, Isabel trabalhou no Rio de Janeiro como editora-chefe da sucursal da Revista América Latina, do *The Globe and Mail*, do Canadá. Durante esse período, foi uma das finalistas do Prêmio Nacional de Jornais pela cobertura da guerra contra os traficantes de drogas nas favelas do Rio de Janeiro. Em 1993, ela foi premiada com uma citação pela Associação de Imprensa Interamericana pela cobertura jornalística do grupo guerrilheiro Sendero Luminoso, no Peru. Neste período ela também trabalhou no

caso do sequestro do empresário Abílio Diniz, vice-presidente do grupo Pão de Açúcar, que resultou no livro-reportagem *corpus* deste estudo. No livro, a jornalista canadense conta os detalhes do sequestro dos dois sequestradores, David Spencer e Christine Lamont, são canadenses e, na imprensa do Canadá, eles eram tratados como ingênuos que foram ajudar pessoas pobres no Brasil. A jornalista teve acesso ao documento oficial do crime e descobriu que a imagem que os jornais de seu país divulgavam sobre os jovens distorciam a verdade. A partir dessa constatação, ela produziu matérias afirmando que eles participaram ativamente do crime. Em função dessas reportagens recebeu crítica dos colegas canadenses, o que motivou a mudança da jornalista para os Estados Unidos. O anúncio da publicação do seu livro-reportagem, estudado aqui, fez com que membros da Igreja Anglicana no Canadá, exigissem um boicote. Em 1996, Lamont e Spencer admitiram que participaram dos sequestros.

Em 1989, o sequestro do empresário Abílio dos Santos Diniz repercutiu mundialmente e transformou-se numa questão política internacional quando o governo brasileiro negou o pedido de expulsão dos dois canadenses envolvidos no sequestro, David Spencer e Christine Lamont, condenados a cumprir no Brasil a pena de 28 anos de reclusão. Na obra ela apresenta o resultado de investigação profunda, denunciando o esforço bem-sucedido de um lobista junto ao governo e à mídia do Canadá para inocentar o casal, assim como também traz entrevistas com os dois condenados, familiares de David e Christine, autoridades judiciais e policiais, políticos, jornalistas, amigos e pessoas que conviveram com os dois sequestradores em atividades antes do sequestro. Isabel Vincent também cita e transcreve partes de reportagens da imprensa canadense e brasileira, trechos de livros associando-os a momentos e a linhas de pensamento, assim como situa o caso na história brasileira e mundial. Seu enredo é construído a partir do acontecimento, intercalando com relatos de como realizou suas investigações e entrevistas, que buscam explicar o caminho feito pelos dois canadenses condenados, seguindo uma linha cronológica sobre o que ocorreu a partir da prisão dos mesmos.

Isabel Vincent escreve seu livro em primeira pessoa, não apenas narrando uma história, como alguns livros-reportagem o fazem, mas contando os passos que deu para a investigação, assim como apresenta declarações prestadas nos depoimentos e no julgamento e as contrapõe quando colhe dados colhidos e provas que mostram que

os acusados mentiram em seus depoimentos. O trecho a seguir exemplifica como essa grande reportagem é escrita e a “conversa” que ela tem com o leitor,

Para mim, a questão central sempre foi a seguinte: David e Christine são culpados de um crime impiedoso e calculista, ou apenas culpados de serem inocentes no exterior? Foram guiados por alguma vaga noção de lutar pela justiça social numa região do mundo ainda caracterizada pelas clamorosas disparidades entre ricos e pobres, em que os remanescentes de larevolución ainda exercem uma atração romântica? (VINCENT, (1995, p. 32)

Nesse diálogo com o leitor também mostra os passos que dava durante suas investigações, como por exemplo,

Em 1994, munida com algumas fotografias de Christine e David, parti com dois jornalistas nicaraguenses, numa tarde sufocante de março, para tentar descobrir a casa em que eles haviam morado, ou pelo menos alguém que ainda se lembrasse dos dois, depois de cinco anos (VINCENT, 1995, p. 74).

Isabel Vincent traz também diálogos que teve com os entrevistados, e inclusive tece opiniões e faz declarações próprias sobre o caso, como nos trechos seguintes:

Talvez David e Christine não mereçam passar 28 anos na prisão, mas é improvável que isso aconteça, mesmo que permaneçam no Brasil. Ao aplicar sentenças rigorosas, o magistrado da instância superior ressaltou que os condenados poderiam sair depois de cumprirem apenas uma parte, através da liberdade condicional, ou de recursos aparentemente intermináveis (VINCENT, 1995, p. 242).

Ou ainda, no fim do livro, quando ela fica sabendo que David está doente na prisão,

Christine França, que trabalha no consulado canadense em São Paulo, entrou em ação assim que lhe comuniquei os problemas médicos de David. Em poucas horas, providenciou um médico para examinar David. Ficou constatado que, no final das contas, não era malária, mas apenas uma gripe muito forte.

\_ Graças a Deus! - exclamei para França, que partilhou meu alívio. \_  
Eu estava muito preocupada com David (VINCENT, 1995, p. 244).

Quanto aos aspectos literários presentes na sua narrativa, como também pontos considerados essenciais para a reconstrução da memória, o que mostra que o livro-reportagem é um suporte de memória.

A obra possui características que estão presentes também na literatura, como o enquadramento das pessoas envolvidas e entrevistadas como personagens e a descrição detalhada deles, assim como a descrição de lugares, de cenas relacionadas à história e a transcrição de diálogos. Como no jornalismo, a apuração dos fatos é muito importante e há a possibilidade de verificação do que foi narrado no livro-reportagem, o trabalho no jornalismo literário deve sempre ser norteado levando em consideração a ética profissional.

Mesmo sendo verídica a história ocorrida, os envolvidos são tratados como personagens no livro-reportagem, com seus traços físicos e psicológicos podendo ser descritos, como verificado neste excerto que descreve Christine quando foi presa e como ela “não aparentava” ser uma sequestradora,

Os primeiros a passar pelos portões de ferro batido, às 5:02 foram dois compenetrados canadenses, que davam a impressão de estarem saindo da sala de aula de uma universidade, em vez do *bunker* bem equipado em que Diniz fora mantido prisioneiro nos últimos seis dias... à espera de um resgate de trinta milhões de dólares.

Apesar do mormaço de final de primavera em São Paulo naquele dia, Christine Lamont, de trinta anos, vestia uma blusa estampada amarrotada, saia preta de algodão, malha preta por baixo e sapatos pretos. Ela e seu namorado, David Spencer, de 26 anos, não pareciam os terroristas internacionais apregoados pela polícia de São Paulo (VINCENT, 1995, p.17).

Ou ainda, nos excertos a seguir, quando descreve Christine e David na primeira vez que os entrevistou na prisão:

Ela é mais magra do que parecia nas poucas fotografias suas que eu havia visto, e pouco antes passara a pintar os cabelos, de castanho-claros para castanho-avermelhados. Os dentes são manchados do excesso de cigarro, e tem olheiras profundas e escuras. Em nosso primeiro encontro, perguntei se ela se sentia cansada e Christine respondeu que sempre tinha aquela aparência

Quando o visitei pela primeira vez, David, esguio, de trinta anos, com os cabelos castanho-avermelhados curtos, trabalhava como zelador na prisão. Trabalha durante o dia e passa as noites lendo, assistindo à televisão em sua cela ou escrevendo. Ao contrário de Christine, David parece fascinado pelo Brasil (Vincent, 1995, p.222- 223).

A apresentação dos envolvidos nos acontecimentos é de grande importância no *New-Journalism*, possibilitando ao leitor a construção de uma imagem mental da pessoa

e facilitando a assimilação dos acontecimentos. O detalhamento também permite a humanização dos relatos, fazendo com que o leitor crie uma sensação de proximidade com as personagens e a realidade apresentada.

Da mesma forma que a descrição das personagens é de grande importância para o leitor, o detalhamento do ambiente é necessário para a localização e contextualização no momento da leitura.

A cela, um cubículo de madeira compensada descrito como “um tanque” durante o julgamento, tinha três metros por um metro e meio, toda revestida de isopor, a fim de que nenhum som pudesse escapar.

(...)

Com um sofisticado sistema de ventilação, ligado ao exaustor na cozinha, a cela era quase sempre mantida no escuro, e só continha um fino colchão de espuma e um vaso sanitário portátil. O acesso era através de um armário com fundo falso, localizado num pátio fechado nos fundos da casa. A porta que separava a cela do posto de guarda adjacente tinha vários centímetros de espessura. Havia canos e fios entre o posto de guarda e a cela, permitindo que o sequestrador de plantão controlasse a luz e som no interior da cela. (VINCENT, 1995, p. 89 e 90)

Na descrição, tem-se conhecimento de como eram o catifeiro e os sistemas de controle externo, onde o empresário sequestrado ficou preso. Com esses dados, o leitor pode construir também uma imagem mental do local e assimilar os dados descritos com as demais passagens que tem relação com este espaço. Assim, o leitor já está “acostumado” com o local, como na sequência quando a autora fala das declarações feitas no interrogatório por David,

David comprou os materiais de construção que seriam usados mais tarde para fazer a cela. Na reinquirição, ele disse que deixara os materiais – madeira e cimento – no quintal dos fundos, e não tornara a vê-los. Repetiu a história de que um de seus companheiros na casa, Hector Collante Tapia, ia construir prateleiras. David disse que a instalação das prateleiras demorara apenas um final de semana, e que não sabia que Tapia estava fazendo um cubículo subterrâneo. (VINCENT, 1995, p. 99)

Outra característica do *New-Journalism* é a reconstrução dos fatos cena-a-cena. Isabel reconstruiu na sua narrativa alguns acontecimentos essenciais para interpretar o

livro e prosseguir a leitura. Esse é o caso da descrição do momento em que Abílio Diniz foi sequestrado,

No dia 11 de dezembro de 1989, uma segunda-feira, Humberto Paz e dois outros homens sequestraram Abílio Diniz, de manhã, quando ele seguia em seu carro para o escritório. Às oito e dez, como de hábito, Diniz saiu de casa, mas ao se aproximar de um cruzamento tranquilo no Jardim Europa, onde residia, foi interceptado por uma Caravan, com uma cruz vermelha pintada, para dar a impressão de que era uma ambulância. Diniz disse que no mesmo instante pegou sua arma, saltou do carro, e “assumi a posição de tiro”, mas foi momentaneamente distraído pela passagem de um Opala branco. Antes que pudesse reagir, levou um golpe violento na parte posterior da cabeça, possivelmente com a coronha de um revólver. Os sequestradores abandonaram a Caravan perto da casa de Diniz, meteram o magnata dos supermercados num caixão, que foi transportado até o esconderijo numa Kombi. Diniz disse que perdeu os sentidos ao ser golpeado na cabeça, e ao voltar a si já se encontrava numa cela escura, sem janelas (VINCENT, 1995, p.79).

Em uma notícia de jornal diário, por exemplo, são dispensados tais dados. Informações detalhadas não fazem parte do jornalismo cotidiano, mas enriquecem a narração em um livro-reportagem. Em trechos como este, percebe-se que para fazer uma matéria dentro dos padrões do *New-Journalism* ou escrever um livro-reportagem, o jornalista precisa de tempo para se aprofundar e colher todas as informações possíveis com as testemunhas e pessoas de convivência.

Além do fato de os acontecimentos narrados serem verídicos - o que enquadra o livro nas características do jornalismo -, outros elementos como informações históricas, geográficas e políticas, têm destaque nos livros-reportagem, remetendo o leitor àquele momento relatado, sendo estas informações responsáveis pelo acionamento do processo de reconstrução da memória, pois a memória é um arquivo de representações.

Como exemplo desses elementos que acionam e aparam a memória, estão fatos históricos trazidos para contextualização do momento, como a seguir:

Naquela noite, com a maior parte dos votos contados, o novo presidente do Brasil preparou seu discurso de posse. Jovem e bonito, os braços levantados no gesto de vitória, Fernando Affonso Collor de Mello, de quarenta anos, prometeu acabar com a inflação e a pobreza, privatizar as empresas estatais ineficientes e abrir a maior economia da América Latina aos investimentos estrangeiros. Faixa preta de caratê, o novo presidente declarou que levaria com

um golpe a maior nação da América Latina ao Primeiro Mundo. No Brasil, a maioria da população acreditava nele. Em novembro de 1989, um mês antes de Christina e David se tornarem manchete no Brasil, a posição da esquerda desmoronava no mundo inteiro, A queda do Muro de Berlin assinalou o colapso do “centro” da esquerda - o comunismo e o bloco socialista. O fim da Guerra Fria teve efeitos devastadores para a esquerda armada na América Latina (VINCENT, 1995, pp. 19 e 59).

Dados como estes podem compor qualquer notícia de jornal, TV, rádio ou internet. A primeira citação foi colocada na obra fazendo a relação e contextualização, pois no dia 17 de dezembro de 1989, dia de eleição no Brasil, eleição para o primeiro presidente eleito diretamente depois da Ditadura Militar, que Abílio Diniz foi resgatado. Já na segunda citação, Isabel traz o contexto político para explicar as circunstâncias mundiais e possíveis motivações para grupos organizados, como os que os dois canadenses estavam inseridos, realizarem sequestros em busca de dinheiro.

A utilização de partes de matérias de jornais faz um resgate de determinado recorte histórico e também atuam como suporte de memória, como na transcrição do editorial do *Ottava Citizen*, em 1993 que, como a autora coloca, apresentava David e Christine mais uma vez como vítimas do sistema judiciário do Terceiro Mundo,

Correa está errado – errado em obstruir a ratificação de um bom tratado, com a desculpa de um único caso, e errado em interferir num caso (enquanto recursos estão em julgamento) que já sofreu interferências políticas demais... Culpados ou não, Lamont e Spencer têm sofrido um pesadelo. A punição aplicada é desproporcional ao crime que teriam cometido. Em vez de corrigir a injustiça, Correa ameaça torná-la ainda pior. (VINCENT, 1995, p. 211 e 212)

A inserção de trechos de reportagens de jornal publicadas na época faz com que o receptor tenha mais compreensão e provas da veracidade do que foi publicado, já que é possível fazer a busca de tal reportagem em arquivos, pois a fonte é citada. A utilização de recursos, como fotografias, auxilia o leitor na aproximação com o lugar e as personagens. Como a fotografia é a representação do real, ela faz com que se tenha um contato visual com as pessoas que fazem parte dos acontecimentos, ou seja, ela transmite informação, sendo, dessa forma, um complemento para o que está escrito e são

também recursos de memória e segundo Samain, “estamos constantemente nos valendo de imagens instantâneas da nossa vida, registradas em papel fotográfico, para retornar o processo de rememorar e assim construir a nossa versão sobre os acontecimentos já vividos” (SAMAIN, 1998, p. 22). O livro possui 8 fotos internas em preto e branco em página que abre um novo capítulo. Na última página do livro, a autora traz os créditos de cada fotografia e a descrição de cada uma delas.

### **Considerações finais**

A análise da relação entre memória, jornalismo e literatura foi ilustrada através da leitura do livro-reportagem de Isabel Vincent *Uma Questão de Justiça*, bem como através da entrevista exclusiva a nós concedida via internet no dia 08 de fevereiro de 2021. A busca de pontos que mostrem a contaminação da literatura no jornalismo foi o objetivo principal deste estudo.

O livro-reportagem é um dos principais exemplos da aproximação do jornalismo com a literatura. Uma obra que complementa as informações dos jornais diários, das revistas, da internet, dos noticiários de TV e também da memória coletiva dos brasileiros, pois ela traz informações que não são divulgadas nesses meios tradicionais como, por exemplo, características físicas dos envolvidos, do ambiente, descrição de cenas e reprodução de diálogos. Dessa forma, o presente artigo também teve como objetivo descrever analiticamente a linguagem utilizada na área do Jornalismo Literário, mais especificamente, nos livros-reportagem, destacando a evolução desse gênero no jornalismo brasileiro. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para embasar a análise posterior. Foram buscadas obras teóricas da área da memória social, do jornalismo e da literatura, do New-Journalism e do Jornalismo Literário. A análise de *Uma Questão de Justiça* teve, portanto, como alicerces teóricos, obras de três diferentes áreas do conhecimento: da Memória Social, do Jornalismo e da Literatura.

Também é possível perceber a participação do livro-reportagem na história, pois a pesquisa apurada e a captação de dados com entrevistas contribuem no momento em que se pretende contar sobre um local. Através dele também é possível ter conhecimento de lugares, pessoas e situações que não são comuns a muitas pessoas, ampliando a gama

de informações sobre um determinado assunto. Alguns livros-reportagem, por exemplo, são utilizados em escolas, assim como estão na lista de leitura obrigatória em vestibulares de algumas universidades. A escolha pela construção de livros-reportagem faz parte de um projeto de vida profissional, já que, na maioria das vezes, o jornalista não dispõe de tempo exclusivo para essa finalidade, dividindo o tempo com a execução de suas tarefas em veículos de comunicação. Após a realização deste estudo, pode-se perceber que a utilização de recursos literários no fazer jornalístico resulta em textos criativos e de leitura prazerosa, atraindo leitores.

Podemos concluir que essa contaminação e/ou ingerência entre as áreas é positiva para tanto para o jornalismo quanto para a literatura. Para o jornalismo, por exemplo, o jornalismo literário permite uma leitura como a de um romance, com mais fluência, possibilidade de assimilar fatos com a presença de personagens e dados complementares, além de poder remeter-se ao local do acontecimento, da mesma forma como acontece com a literatura. O diferencial está na veracidade dos fatos, ou seja, o leitor ficará informado, a partir de um fato real, além de ter momentos de verdadeira fruição pelo contato com uma narrativa que contém todos os ingredientes do literário, acrescidos dos dados de veracidade aportados pela pegada jornalística.

Dessa forma, no âmbito dos estudos midiáticos, o jornalismo constitui-se como verdadeiro espaço de memória, não sendo somente depositário de memória, mas constituindo-se como um espaço de construção e disputa de memória. A partir desta perspectiva, podemos afirmar que o jornalismo e o livro-reportagem podem ser considerados de grande valia nos processos de reconstrução da história e memória social.

No âmbito dos Estudos Canadenses desenvolvidos no Brasil, desde a fundação da Associação Brasileira de Estudos canadenses (ABECAN), em 1991, e da Revista *Interfaces Brasil Canadá*, em 2001, a divulgação do trabalho de jornalistas como Isabel Vincent é de grande interesse tanto para os *canadianistas* brasileiros quanto para os leitores canadenses interessados na realidade brasileira, chamados de *brasilianistas*.

O trabalho de Isabel Vincent foi importante tanto para os leitores canadenses que passaram a conhecer uma nova versão dos fatos, uma vez que estavam, em um primeiro momento, torcendo pela soltura de seus compatriotas por julgá-los inocentes do crime de

sequestro perpetrado contra o empresário Abílio Diniz, quanto para os leitores brasileiros que, através dos detalhes apresentados pelas numerosas entrevistas realizadas pela jornalista, puderam ter noções mais nítidas dos eventos. Assim, foi intuito do presente artigo tornar mais conhecidos dos leitores brasileiros o trabalho da jornalista canadense que procurou apresentar a realidade dos fatos, através de reportagens e entrevistas realizadas com indivíduos de todos os setores da sociedade, apresentando-os sob a instigante roupagem do livro-reportagem. Se já as notícias veiculadas por periódicos brasileiros e canadenses eram emocionantes, o conjunto das investigações de Isabel Vincent, transformados em livro-reportagem, tornou-se leitura das mais palpitantes pelo talento investido nesse longo e árduo trabalho de acompanhar de perto os fatos, os dados policiais e o noticiário da imprensa brasileira e canadense sobre o sequestro.

### Referências

- ASSMANN, Aleida. Espaços de Recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas/SP: Unicamp, 2018.
- BERND, Zilá. A persistência da memória; romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional. Porto Alegre: Besouro Box, 2018.
- BOAS, Sérgio Vilas. O estilo magazine: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.
- COSSON, Rildo. Romance-reportagem: o gênero. Brasília: Ed. UnB, 2001.
- \_\_\_\_\_. Fronteiras Contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970. Brasília: Ed. UnB, 2007.
- GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera, orgs. O que é memória social. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2017. Tradução de Beatriz Sidou.
- LIMA, Edvaldo Pereira. O que é livro-reportagem. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- \_\_\_\_\_. Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2009.
- MEDEL, Manuel Ángel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In.: CASTRO, Gustavo, GALENO, Alex. Jornalismo e Literatura, a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.
- PENA, Felipe. Jornalismo Literário. São Paulo: Contexto, 2006.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos,

Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 04 Ago. 2020.

SAMAIN, Etienne. O fotográfico. São Paulo: Hucitec, 1998.

SOARES, Tanira Rodrigues. Tessituras da memória: lembrar, narrar e ressignificar. 2019. Tese. (Doutorado em Memória Social e Bens Culturais) –Universidade La Salle.

VINCENT, Isabel. Uma questão de justiça. Tradução Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1995.

\_\_\_\_\_. Hitler's silent partners: Swiss banks, Nazi gold, and the pursuit of justice (1997). Nova York: William Morrow, 1997.

\_\_\_\_\_. Bodies and Souls: The Trafficking of Jewish Immigrant Prostitutes in the Americas (2006), traduzido para o português com o título: Bertha, Sophia e Rachel, a sociedade da verdade e o tráfico das polacas nas Américas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

\_\_\_\_\_. Gilded Lily: Lily Safra, The Making of One of the World's Wealthiest Women. New York: Harper Perennial, 2010.

\_\_\_\_\_. Dinner with Edward: The Story of an Unexpected Friendship. Algonquin Books, 2016.

## Notas

- <sup>1</sup> Adriana Seibert de Oliveira está preparando uma tese de doutorado no PPG Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle e foi responsável pela pesquisa sobre a jornalista canadense; Zilá Bernd é orientadora da referida tese e foi responsável pela revisão tanto do conteúdo quando dos aspectos formais do artigo, além de indicações bibliográficas teóricas.
- <sup>2</sup> Jornalista, Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle), Bolsista Capes. Canoas, Rio Grande do Sul, BrasilE-mail: [adriana.seibetrts@gmail.com](mailto:adriana.seibetrts@gmail.com)Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1791-0102>
- <sup>3</sup> Professora PPG Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle e Bolsa PQ/CNPq 1A. Canoas, Rio Grande do Sul, BrasilE-mail: [zilabster@gmail.com](mailto:zilabster@gmail.com)Orcid<https://orcid.org/0000-0002-2546-6099>
- <sup>4</sup> Fala do professor Rildo Cosson durante a palestra *Narrar a vida/dizer o mundo*, proferida em 15 de dezembro de 2008, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), durante VI Jornada de Literatura e Autoritarismo e II Simpósio Memórias da Repressão, Santa Maria.